

## **“Muitas lágrimas custaram esses pães”: etnia e memória na formação contrastiva das identidades.**

Dilza Pôrto Gonçalves<sup>1</sup>

---

**RESUMO:** Este trabalho procura demonstrar como a etnia alemã está sendo usada para marcar fronteiras, espaços e construir identidades. Observam-se situações de conflito entre “*alemães*” e “*brasileiros*”, em Canguçu, município no Sul do Brasil; os “*alemães*” reconhecem-se e são reconhecidos, alemães e seus descendentes, distintos dos pomeranos e seus descendentes. Como “*brasileiros*”, são reconhecidos os nativos ou os que chegaram primeiro ao território, que na maioria das vezes são luso-brasileiros. Canguçu foi colonizado por luso-brasileiros. Este trabalho analisa “*alemães*” numa região onde a maioria da população é luso-brasileira. Através da metodologia de História Oral e com ajuda das referências bibliográficas e perpassando os campos da História, da Sociologia e da Antropologia, far-se-á uma análise das representações desses conflitos étnicos como construtores de identidades, enfocando especialmente a dimensão da contrastividade.

**PALAVRAS-CHAVE:** *etnia, memória, identidade*

---

**ABSTRACT:** This work tries to demonstrate how the german ethnic is being used to settle boundaries, areas and to build identity. It can be observed conflict situations between “*germans*” and “*brazilians*”, in Canguçu, city in the south of Brazil; the “*germans*” recognize themselves and are recongnized, germans and thein descendents, different from the Pommern and their descendents. As “*Brazilians*”, are recognized the native or the ones who came first to the territory, most of the time are luso-brazilians. Canguçu was settled by luso-brazilians. This work analyses “*germans*” in one region where most people is luso-brazilians. Though oral History methodology and with the help of bibliography, crossing fields of the History, Sociology and Antropology, this work will analyse the representations of this ethnic conflict as identity maker, forusing on contrasts.

**KEY-WORKS:** *memory, identity and ethnic*

---

<sup>1</sup> Licenciada em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. Especialista em Memória, Identidade e Cultura Material pela mesma universidade. Mestre e doutoranda pela Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGH/PUCRS), Brasil.

Em 2003 inicia-se a pesquisa sobre relações entre “alemães” e “brasileiros”, na Especialização sobre Memória, Identidade e Cultura Material, na UFPEL. Quando se procura demonstrar como o grupo reconhecido como “alemães”, usava a identidade étnica. Analisam-se situações de conflito entre “alemães” e “brasileiros”, em Canguçu, município no Sul do Brasil., em que os “alemães” reconhecem-se e são reconhecidos, alemães e seus descendentes, distintos dos pomeranos e seus descendentes. Como “brasileiros”, são reconhecidos os nativos ou os que chegaram primeiro ao território, que na maioria das vezes são luso-brasileiros. O município estudado teve sua colonização iniciada por luso-brasileiros, só depois da colonização germânica em São Lourenço do Sul que os alemães chegam a Canguçu.

Com ajuda das referências bibliográficas e perpassando os campos da História, da Sociologia e da Antropologia, far-se-á uma análise das representações desses conflitos étnicos como construtores de identidades, enfocando especialmente a dimensão da contrastividade.

A História Oral proporcionou dados dos conflitos através de depoimentos de pessoas que se reconhecem como “alemães”. Os depoentes têm idade entre 82 e 64 anos, são alemães ou descendentes, e ainda, descendentes de pomeranos; a maioria estudou até a 5ª série, mas detém um capital cultural significativo que não condiz com o nível de escolaridade, sendo que alguns falam dois ou três idiomas. As profissões da maioria dos imigrantes na Alemanha, segundo os depoentes, variavam desde fotógrafo, marceneiro, professor, engenheiro, juiz de paz, entre outros. Segundo o que relataram, não eram agricultores e só foram transformados em colonos quando chegaram ao Brasil. Percebe-se que os depoentes têm um nível socioeconômico médio, além de terem um acúmulo de capital cultural<sup>2</sup>. Apesar disso, foram

---

<sup>2</sup> Segundo Bourdieu “a aptidão para pensar objetos quaisquer e ordinários está fortemente ligada ao capital cultural herdado ou adquirido escolarmente.” (1989:90) No caso dos entrevistados esse capital

colocados numa condição de isolamento, quando foram transformados em colonos, na zona rural de Canguçu. Esses imigrantes chegaram a Canguçu após migrações internas, pois a maioria das famílias veio de colônias de São Lourenço do Sul.

As entrevistas foram realizadas entre janeiro e março de 2004, nas casas dos depoentes juntamente com suas famílias. Também foram utilizados fotos, livros, cartas e objetos, os quais favoreceram a rememoração.

As dificuldades de aceitação, por parte dos mais idosos, de namoros e casamentos entre os “alemães” (descendentes de alemães ou de imigrantes da antiga Pomerânia) e os “brasileiros” (descendentes de luso-brasileiros) despertaram questionamentos sobre a temática.

Essa dificuldade de integração à sociedade brasileira e os conflitos entre “alemães” e “brasileiros” motivaram esse trabalho. Algumas hipóteses dessa não integração são abordadas, analisando a possível influência da memória desses conflitos na formação das etnias e o uso que os indivíduos fazem dessas categorias identitárias.

Analisando grupos étnicos distantes da pátria-mãe, e seus descendentes, vale a pena ressaltar que os “alemães”, como grupo, identificam-se e usam a memória para se reafirmarem como etnia. Segundo Hobsbawm, os indivíduos buscam reinventar em território estranho a ideia de pátria-mãe, pois o sujeito reinventa tradições e comemorações, para reafirmar as identidades. Talvez seja esse um dos motivos do grupo (alemães) não querer a mistura de “raças”, mantendo-se, dessa forma, “puros” (não deverão deixar seus descendentes se casarem com os “brasileiros”, mantendo-se como grupo identitário).

---

cultural parece ter sido adquirido pela herança familiar, principalmente pelos livros alemães que guardam e têm lugar de destaque em suas casas. BOURDIEU, P. Introdução a uma sociologia reflexiva. IN: O poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

***“Muitas lágrimas custaram esses pães”: etnia e memória na formação contrastiva das identidades.***

---

Ressaltamos, então, a memória coletiva, pois para Halbwachs, os âmbitos coletivos mais relevantes implicados na construção da memória são a família, a religião e a classe social. Assim os indivíduos articulam sua memória em função de seu pertencimento a uma família, a uma religião ou a classe social determinada. O sujeito presente dentro do seu espaço social recria o passado. Assim, reconstruem o passado a partir das categorias que modelam a lembrança individual. As pessoas pensam em quadros sociais, não existem fora dos papéis sociais (quando do estudo da memória para aquele determinado grupo). Ao rememorarem, evocam categorias que lhes são relevantes.

Evitando que seus descendentes casem com pessoas de outras etnias, os “alemães”, por exemplo, ao que parece, podem estar tentando recriar e rememorar suas tradições da antiga pátria, a Alemanha, que em termos de território e cultura estão bem diferentes de quando os seus familiares migraram para o Brasil, no entanto fazem questão de reafirmar tradições daquela época, muitas vezes afastadas por várias gerações.

Observando os “alemães”, atualmente em Canguçu, percebe-se a persistência de alguns conflitos quando usam termos pejorativos ou evitam casamentos com os “brasileiros”. Algumas entrevistas foram analisadas com base na ideia de contrastividade na formação das identidades, pois se constatou até aqui que alguns grupos de “alemães” parecem, aos olhos dos “brasileiros”, não integrados à sociedade brasileira.

Desde a chegada dos primeiros imigrantes até hoje, a preservação da germanidade é vista como não assimilação da cultura nacional. Num período, como o Estado Novo, em que o nacionalismo brasileiro estava em destaque, isto soava como um “perigo”. René Gertz também se refere à dificuldade de integração dos alemães e seus descendentes à sociedade brasileira:

*(...) esses colonizadores se manteriam à margem da nação brasileira pela ausência de miscigenação, pela conservação da língua, dos costumes e do legado cultural em geral, do que resultaria uma verdadeira anticidade brasileira, mesmo para os descendentes que são brasileiros de fato e de direito (GERTZ, 1991).*

A identidade, segundo Loiva Otero Félix, é percebida, captada e construída em permanente transformação, isto é, enquanto processo. A memória é bastante utilizada para criar ou reafirmar identidades. Ao rememorar, evocam-se categorias relevantes àquele grupo social e quando se evoca a memória, usando a História Oral, percebe-se que várias camadas de tempo se entrecruzam. Assim, verifica-se a importância do pesquisador estar atento e dominar o período histórico que está estudando. Além disso, é fundamental perceber que o sujeito, ao rememorar, está fazendo um trabalho. Vale lembrar que o sujeito é social, temporal, que está num lugar social e histórico e tem suas próprias interpretações do passado e depende do momento vivido. Quando se constrói a memória, ela é reinventada, tanto a individual, quanto a coletiva (HOBSBAWM, 1997), já que está ligada ao afetivo, ao emocional, e assim também se constroem identidades.

As dificuldades durante a viagem e a adaptação estão representadas nos ideais do pioneiro. Eles tentam rememorar uma Alemanha que mal conheceram através das lembranças e saudades dos pais. A Alemanha, mesmo distante, é o referencial para o grupo identitário, isto foi observado em alguns depoimentos, vejamos:

*Então eu vou contar uma coisa, que a minha mãe até o dia da morte dela ela falava. Ela lá na Alemanha morava em apartamento, nunca*

***“Muitas lágrimas custaram esses pães”: etnia e memória na formação contrastiva das identidades.***

---

*viu como se fazia uma massa de pão. O padeiro trazia o pão, de manhã. Ele largava na porta, porque lá não roubavam. [risos]. Chegou aqui e ela tinha que fazer pão, pedir uma informação como? Se ela não sabia falar. Muitas lágrimas custaram esses pães. Foi uma dificuldade e tanto. Passou muito, muito trabalho, agora a gente não percebeu muito disso. A gente se criou nesse ambiente. (Elfrida Bull Lemke, 10/02/04).*

Nas comunidades luteranas na zona rural do município de Canguçu, observa-se muito a memória reinventada abordada por Hobsbawm nos rituais da comunidade, como casamentos, jogos, festas (quermesses), onde, através da comemoração e da repetição, cria-se uma relação com o passado. BARTLETT (1932) descreve a memória “como um ato de construção dentro da cabeça do indivíduo social, a perspectiva contemporânea, a localiza em sendo o discurso de pessoas falando conjuntamente sobre o passado”. Recordar é uma atividade íntima marcada por um sentido do passado. A recordação social só é possível através do mundo dos objetos e artefatos, isso é em parte confirmado pelo modo que se ordena no mundo.

A violência dos luso-brasileiros contra os “alemães” pode estar associada à cobiça pelas empresas de “alemães” que estavam crescendo, devido ao comércio com a Alemanha. Segundo Fachel, muitos luso-brasileiros lucraram com isso. A violência fez que os “alemães”, que precisavam se firmar como grupo identitário, reforçassem as fronteiras entre os dois grupos, as quais, em alguns momentos, precisam ser, se não abolidas, pelo menos, atenuadas.

Como ocorre em momentos traumáticos, a violência muitas vezes é esquecida pelas pessoas envolvidas. Quando os entrevistados são interpelados sobre os casos de violência ocorridos

em Canguçu durante a Segunda Guerra Mundial, mais visíveis neste período, fazem questão de ressaltar que em suas famílias não houve perseguição. Acrescentam que eram “bem vistos”, na localidade. Geralmente, destacam o papel do pai como “homem de bem” e que tinham um bom relacionamento com os “brasileiros”. Ao mesmo tempo em que tentam negar as violências sofridas, a memória delas pode ter agido na formação das identidades. Vemos a seguir um depoimento em que essa situação aparece:

*Houve perseguição, mas não muito. Alguns foram presos. Aqui na colônia levaram alguns. Meu pai não. Ele era bem visto em toda parte, onde chegava, perguntavam onde mora o tal do Henrique Theil, todo mundo sabia. Era um homem bom não maltratava ninguém porque iam prender? (Walter Theil, 07/02/04)*

No caso dos alemães, percebe-se que os casos de violência podem ter interferido na formação das identidades, assim como o isolamento devido às dificuldades de comunicação. Não podemos deixar de lembrar que em algumas localidades houve uma maior integração, onde “brasileiros” e “alemães” casam-se ou participam juntos na mesma comunidade, integrando-se totalmente aos costumes da sociedade brasileira. No entanto, o objeto de estudo desse trabalho são os “alemães” que se mantiveram como grupo identitário, diferenciando-se dos “brasileiros”.

Verificam-se nessas colônias “alemãs” a mistura de tradições que não existem mais na Alemanha. Portanto, mesmo em terras distantes, os descendentes de alemães querem manter identidades passadas, que segundo Boaventura Santos são híbridas, porque já foram transformadas.

Segundo Carlos Fortuna, os filhos de imigrantes neste caso até mesmo netos e bisnetos, movem-se entre fronteiras, onde as

***“Muitas lágrimas custaram esses pães”: etnia e memória na formação contrastiva das identidades.***

---

“portas” e as “pontes” da imigração ora abrem, ora fecham para desenrolar uma identidade que caminha entre dois pólos: o “regresso” a uma origem representada ou a “permanência” numa cultura adaptada.

Podemos, ainda, citar Mendes, quando diz que: “A identidade é socialmente distribuída, construída e reconstruída nas interações sociais” e quando cita Erving Goffman: “as identidades são múltiplas, flutuantes e situacionais” (MENDES, 2002:504-506).

Talvez os “alemães” estejam tentando manter a identidade, mesmo fora da Alemanha, destacando as diferenças entre “eles” e os “brasileiros”. Neste contexto, os conceitos de memória e identidade são fundamentais para se entender as diferenças e transformações de grupos sociais. Ao trabalhar com a memória do grupo podemos identificar representações que os identificam como grupo social. E que talvez a contrastividade identificada entre os “alemães” e os “brasileiros” possa estar relacionada à identidade do grupo, ou ainda aos casos de violência que sofreram ao longo de sua história.

Os “alemães”, ao destacarem suas diferenças dos “brasileiros”, identificam-se como grupo social, tentando manter-se “puros etnicamente”, o que sabemos ser impossível, num mundo globalizado, onde o que temos são identidades híbridas e construídas socialmente, com a ação passiva ou consciente dos atores e dos grupos sociais.

Para melhor explicar esses conflitos - agentes e formadores de identidades, temos que rever algumas categorias, citadas anteriormente, entre elas o conceito de etnia e de grupos étnicos. Cardoso Oliveira destaca:

*(...) a identidade social surge como a atualização do processo de identificação e envolve a noção de grupo, particularmente a de grupo social. Porém, a identidade social*



*não se descarta da identidade pessoal, pois esta também de algum modo é reflexo daquela. (...) O conceito de identidade pessoal e social possui um conteúdo marcadamente reflexivo ou comunicativo, posto que supõe relações sociais tanto quanto um código de categorias destinado a orientar o desenvolvimento dessas relações. No âmbito das relações interétnicas este código a se exprimir como um sistema de oposições ou contrastes. (...) Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente. (OLIVEIRA, 1975:5)*

Os conflitos étnicos que se observam em Canguçu talvez pertençam a este contexto, pois os “alemães” se afirmam como grupo identitário destacando as diferenças que têm dos “brasileiros”. Constata-se, também, que havia um contato entre os grupos, mesmo que fosse de forma hierarquizada. Temos alguns exemplos desse fato identificados nas entrevistas, quando uma entrevistada diz que “em sua casa, eles têm contato com os ‘brasileiros’, porque estes trabalham como empregados de sua família”. Também diz que os “brasileiros” eram “relaxados”, porque não construíam e nem eram sócios de nenhuma igreja. Uma depoente fala dos “brasileiros” com ar de superioridade e sua voz tem tom de indignação dizendo que os “brasileiros” não constroem uma igreja, porque são “relaxados”. Com isso, ela tenta afirmar a superioridade de sua etnia, como mais “organizados”. Em outros depoimentos podemos observar esse sentimento:

*“Eu sou um nato brasileiro, mas naquela época eu era considerado como alemão. Então, ali na nossa zona, tinha muita família pobre morando ali. Sempre nesses bailes havia essas briga. Então, os alemães, não podiam entrar. Tu és alemão. Nós somos alemães, nós somos um pouquinho mais, naquela época era assim. Então, sempre havia essas briga”. (Ervin Neutzling, em 22/01/2004).*

Em outro depoimento a diferença fica explícita quando a entrevistada comenta que os “alemães” são mais “ordeiros”.

Nem “brasileiros” e nem “alemães” veem o outro grupo como membro da “boa sociedade”, como na abordagem de Norbert Elias. Essa afirmação pode ser averiguada através de alguns depoimentos: “os rapazes brasileiros podiam dançar com ‘aquelas alemoa’, mas as moças deles não podiam ir dançar com os alemães” (Elfrida Bull, entrevista em 10/02/2004). O que percebemos aqui é uma forte diferenciação de grupos, pois os “brasileiros” consideravam-se “superiores” aos “alemães”, mas, ao criticá-los, os “alemães” também demonstram superioridade. No depoimento, podemos ver que havia uma discriminação dos “brasileiros” em relação aos alemães, porque não deixavam suas filhas frequentarem os bailes dos alemães, numa sociedade machista, as mulheres devem ser preservadas, ou melhor dizendo, isoladas.

Ademais, é observada a criação de uma rede de fofocas para justificar o que um grupo pensa sobre o outro, assim reafirmando suas identidades. Um neto de alemães, ao falar dos brasileiros, destaca também a diferença entre eles:

*“Era entre os brasileiros. O terceiro era o mais pobre, o mais vagabundo, o mais*

*baixinho, nem entrava, 'chuleava' na porta. O segundo já estava mais ou menos vestido, até não podia 'refugar' ele. Eles viam pelas famílias, pelos troncos. Pelo nome da família. Nessa família já houve coisa. Esse vinha ser o segundo. O de primeira não podia ter nada no passado das famílias". (entrevista com Ervino Neutzling, em 22/01/2004)*

Com esse depoimento também podemos exemplificar os contatos entre os grupos, que, mesmo nos locais de lazer, a relação era hierarquizada, como citamos anteriormente.

Os grupos foram mudando de postura e atitudes no decorrer do tempo, assim como os "brasileiros" discriminaram e agrediram os "alemães", hoje muitos "alemães" discriminam e agredem os "brasileiros", o que vemos então é uma inversão nos papéis. Quem poderia ser considerado os "alemães" pela ótica dos "brasileiros"? Por essa pesquisa, podemos considerar "os alemães" aqueles que se reconhecem e que são reconhecidos como alemães, e seus descendentes, e os pomeranos e seus descendentes. Ainda entre o grupo dos "alemães" podemos incluir os pomeranos que vieram para o Brasil antes da unificação da Alemanha, mas que também sofrem discriminações dentro do grupo. Veja os exemplos nos depoimentos: "*Aqui nessa zona era nós e o seu Alberto Winke que era alemão legítimo, os outros eram "pomberanos"<sup>3</sup>. Os pomberano eram pobres [sic].*"

Outro depoimento destaca a "superioridade do alemão legítimo" e é irônico ao se referir aos pomeranos, como alemães que não sabem nada da Alemanha:

*"Acontece o seguinte, é que muitas vezes não sabe, os pomeranos acham que eles é que são*

---

<sup>3</sup> O termo "pomberano" é utilizado pelos entrevistados para se referirem aos nascidos na Pomerânia.

***“Muitas lágrimas custaram esses pães”: etnia e memória na formação contrastiva das identidades.***

---

*alemães, são a maioria, que predominam. Não é. Os pomeranos são aqui no sul. Foram os últimos que vieram da Alemanha. Vieram da Alemanha para S. Lourenço do Sul e para Pelotas. Os nossos alemães em Canguçu, aqui não houve imigração alemã, vieram de S. Lourenço pra cá. A Pomerânia era totalmente luterana. Por isso tem poucos católicos. Parece que não tem, o que que um vai fazer contra cem. Todos os católicos que tinha aqui, não são mais católicos. (...) Quando vieram para o Brasil, a metade dos alemães eram católicos e a outra metade eram evangélicos. (...) Aqui são pomeranos por isso tem mais evangélicos. Os pomeranos não falam alemão e não sabem nada, nada da Alemanha. São alemães, mas não sabem nada da Alemanha. (Walter Theil, entrevista realizada em 07/02/2004)*

No início parece que os alemães foram estigmatizados, e segundo Goffman:

*O indivíduo estigmatizado terá motivos especiais para sentir que as situações sociais mistas provam uma interação angustiada. [...] O indivíduo estigmatizado ou é muito agressivo ou muito tímido e que em ambos os casos, está pronto a ler significados não intencionais em nossas ações. (1988:27)*

Hoje parece está ocorrendo o caminho inverso, para se afirmarem como grupo os “alemães” estigmatizam os “brasileiros”,

destacando suas falhas e defeitos. O estigmatizado sempre é o outro, como “o pomerano que é o pobre”, “o brasileiro que é o relaxado”.

Para estigmatizar o outro grupo tanto os “alemães” como os “brasileiros” usam termos pejorativos, que atinjam a imagem do outro. Sempre destacando o seu papel na sociedade como ordeiros, organizados, religiosos. Os “alemães” sempre destacam o conhecimento como um dos diferenciais em relação aos “brasileiros”, pois estes, segundo eles, “não se preocupam em dar uma escola aos filhos”, que para os “alemães” é tão importante e significativa a escola quanto a Igreja. Muitas vezes escola e igreja são construídas no mesmo local, quando a própria igreja não serve de escola, e o professor, na maioria das vezes, é o próprio pastor da comunidade. Sem dissociar aí o estudo da língua alemã, fundamental na preservação da germanidade, distintivo de grupo.

Dentro do grupo “alemães”, há duas categorias que podem ser definidas pelos entrevistados em “alemães legítimos” e os “pomeranos”, algumas vezes chamados de “pomberanos”. Quem seriam os “alemães legítimos” para o grupo dos “alemães”? Seriam aqueles oriundos da Alemanha, depois da unificação, e que sabem falar o “alemão fino” ou o “alemão alto”. Mais tarde observamos que somente falar o “alemão alto” não distinguia “alemão legítimo” de “pomberanos”, porque todos que estudaram em escolas das igrejas, organizadas nas comunidades alemãs, até o Estado Novo, aprenderam a ler e escrever em “alemão legítimo”, ou seja, em alemão culto. O que então parecia ser um diferencial deixa de ser. Como, então, diferenciar “alemães” e “pomberanos” se todos os entrevistados faziam questão de destacar a legitimidade de seu alemão? O diferencial “alemão legítimo” e “pomerano” são representações criadas pelos imigrantes para fazer a distinção de classe na nova terra. Examinando as entrevistas, pode-se perceber a diferença entre os grupos. A senhora Ilse Bláas fala da Pomerânia: “A Pomerânia tu sabe o que é, né? É um país pequeno, perto da Alemanha, só que não tem bandeira”. Notamos na fala da depoente

um ar de superioridade e desdém em relação sobre a Pomerânia, pois é irônica quando diz que a Pomerânia “não tem nem bandeira”, o que exemplifica a diferenciação dentro do grupo “alemães”. Os pomeranos, na Europa, eram vistos como servos dos latifundiários alemães, então, aqui ninguém quer ser reconhecido como “pomberano”, todos se julgam descendentes do “alemão legítimo”. Embora a maioria das pessoas fale o dialeto pomerano, justificam dizendo que aprenderam com as pessoas do lugar e quase nunca com a família. Quando sabem que existe um antepassado com origem pomerana, fazem questão de ressaltar a outra linhagem de família com descendência do “alemão legítimo”.

Ao caracterizarmos o grupo “alemães”, estamos levando em consideração o que Barth, descreve:

*Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formavam grupos étnicos neste sentido organizacional. As características que são levadas em consideração não são a soma das diferenças “objetivas”, mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes. (1998:194)*

Nesse caso, constatamos que os “alemães” são aquelas pessoas que se autodenominam “alemães”, que rememoram tradições e conceitos de uma Alemanha que não existe mais, mas que está presente na memória dos imigrantes e seus descendentes. O ideal do pioneiro está presente para demarcar fronteiras, principalmente porque ressalta o “alemão” como trabalhador, contrapondo-o ao “brasileiro”, que tem fama de preguiçoso e relaxado, como demonstram alguns dos entrevistados. Em Bourdieu, percebemos que *“As categorias, segundo as quais um grupo se*

*pensa, e segundo as quais ele representa sua própria realidade, contribuem para a realidade do próprio grupo” (1996:123).* O que nos interessa, portanto, é perceber quem são as pessoas que se identificam como “alemães”, por que elas estão agindo para formarem uma identidade de um grupo. Para isso, é preciso destacar as diferenças do grupo com o qual têm mais contato, no caso, o dos “brasileiros”.

Os entrevistados mostram-nos que foram muitas vezes estigmatizados pelos “brasileiros”, principalmente por causa do sotaque. Mesmo nunca tendo morado ou ido à Alemanha, descendentes de alemães conservam o sotaque característico de quem fala alemão. Bourdieu exemplifica esse fenômeno,

*Num registro mais profundo, busca de critérios “objetivos” da identidade “regional” da identidade “étnica” não deve fazer esquecer que, na prática social, tais critérios (pôr exemplo, a língua, o dialeto, o sotaque) constituem o objeto de representações mentais – vale dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento, em que agentes investem seus interesses e pressupostos – e de representações objetais, coisas (emblemas, bandeiras, insígnias etc.) ou atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica tendente a determinar a representação (mental) que os outros podem construir a respeito tanto dessas propriedades como de seus portadores. (1996:107-108)*

Segundo os entrevistados, quando eram crianças, sofriam com as provocações das crianças “brasileiras”, que os chamavam de “alemão batata”, entre outros apelidos. Quando são interpelados

sobre a questão do preconceito, os entrevistados não gostam de responder. Mas o senhor Walter Theil declara que o preconceito ocorre muito devido à religião, à língua e aos costumes diferentes e ressalta que *"depende da gente tratar os outros"*. Segundo ele, *"os alemães"* tiveram mais problemas porque tinham dificuldade de aceitar os *"brasileiros"* como diferentes, *"era um tipo racista um contra o outro"* (Walter Theil, 07/02/2004).

Ainda hoje, observamos os *"alemães"* tentando reforçar a germanidade e fortalecer o grupo, quando, por exemplo, se ouvem comentários pela cidade que *"quando alguém instala uma loja ou um supermercado na cidade tem que colocar o nome do dono na fachada, se for 'alemão', vai progredir, porque vai vender para os 'colonos'".* E quando se questionam os entrevistados sobre isso, respondem: *"Aqui em Canguçu, até o pessoal da colônia, mais ou menos, está dominando a cidade. Os principais comércios já estão com os alemães"* (Ervin Neutzling, 22/01/2004).

Até mesmo alguns partidos políticos parecem tirar proveito dessa ideia, que está bastante difundida pelo município, pois no pleito eleitoral, de 2004, procuraram candidatos *"alemães"* para comporem suas chapas. As pessoas dizem que o candidato do PT (Partido dos Trabalhadores) a prefeito da cidade (Dário Neutzling), poderia ser eleito porque é *"alemão, se não fosse alemão não teria chance alguma"*. As pessoas parecem estar demonstrando uma ideia que está sendo propagada referente à única maneira de um partido de esquerda conseguir algum êxito nas eleições municipais é ter um candidato *"alemão"*, porque historicamente somente dois partidos de direita disputam em igualdade, que são o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e o PP (Partido Progressista). Em Seyferth observamos:

*Glazer e Moynihan (1975) também observam a eficácia da etnicidade no âmbito do estado de bem-estar social e em seu uso para obter*



*vantagens políticas e econômicas em situações de desigualdade social. Mobilização e conflitos étnicos, para estes autores, têm a ver com as diferentes posições que os grupos étnicos ocupam na sociedade moderna. Consideram que a etnicidade é o mais do que simples meio de obter vantagens, funcionando como um poderoso princípio organizador, na medida em que diferenças étnicas são mais irredutíveis. Como também observou Cohen (1974), nas situações onde a etnicidade é questão relevante, as categorizações étnicas não são conceitos neutros, mas símbolos que provocam fortes emoções. A etnicidade é eficiente como princípio organizador porque pode combinar os interesses individuais e grupais com a afetividade. (SEYFERTH, 1996:119).*

Neste aspecto, observamos que a etnia está sendo usada para ocupar espaços dentro do campo político e econômico. O fortalecimento da germanidade serve para ocupar espaços que eram restritos aos luso-brasileiros. O ideal de pioneiro do trabalhador está reforçando qualidades ao ideal de trabalhador brasileiro, tão valorizado durante o Estado Novo. É interessante lembrar que, no Estado Novo reforçava-se o ideal de trabalhador, mas se condenava a germanidade. Hoje a germanidade está diretamente associada à idéia de trabalho, ordem e progresso. Em Bart:

*(...) descobre-se que relações sociais estáveis, persistentes e muitas vezes de importância social vital, são mantidas através das fronteiras e são freqüentemente baseadas*

*precisamente nos estatutos étnicos dicotomizados (...) as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato inter-étnico e da interdependência dos grupos. (BART, 1998:188)*

A germanidade está sendo usada para beneficiar o grupo, o que antes era um estigma é visto como uma qualidade. Ao mesmo tempo em que isso acontece, as pessoas mais idosas tentam evitar a mistura de “raças” proibindo os casamentos entre “alemães” e “brasileiros”, talvez como um dos últimos recursos para preservar a germanidade. Quando os entrevistados são interpelados sobre os casamentos com “brasileiros”, demoram a responder e logo tentam mudar de assunto.

### **Considerações finais**

Quando observamos outros grupos, percebemos as diferenças que estes têm em relação a nós. Formamos identidades a partir do contraste, por exemplo, quando os “alemães” atribuem adjetivos aos “brasileiros”, tais como “relaxados”, “preguiçosos”, “sem educação”, “sem religião”, estão se vendo no espelho destacando adjetivos no próprio grupo, como “organizados”, “trabalhadores”, “ordeiros” e “religiosos”. Em Canguçu, o que constatamos nessa pesquisa foi a etnia servindo para reafirmar identidades e ocupar espaços na sociedade. Em alguns momentos, a etnia precisa ser reforçada, por exemplo, para manter a “raça pura” é necessário dificultar os casamentos inter-étnicos ou destacar os nomes “alemães” em estabelecimentos comerciais, o que pode ser uma estratégia de ascensão social. Não podemos deixar de ressaltar a existência de contatos entre os dois grupos, e é exatamente por isso que os conflitos persistem e atualizam as distinções étnicas, assim, vemos que o “isolamento” foi relativo. A

violência, que foi de certa forma, projeto do Estado Novo na campanha de nacionalização, pode ter ocorrido por cobiça, mas também por diferenças étnicas existentes desde os primórdios da imigração alemã no Rio Grande do Sul: pelo isolamento de uma população, originalmente, urbana em contexto rural.

Com as entrevistas se pode observar que embora, aparentemente vivendo numa condição de isolamento rural, mantêm-se informados sobre os acontecimentos do mundo, principalmente, no que se refere à Alemanha. Mesmo com um baixo nível de escolaridade, pois nenhum dos depoentes estudou mais de cinco anos, eles detêm um capital cultural que os capacita a escrever no jornal da Igreja, como é o caso da senhora Elfrida Lemke, ou de ler livros em alemão gótico, como o senhor Walter Theil. Os livros, principalmente alemães, têm espaço de destaque nas casas dos depoentes, alguns deles editados em meados do século XIX, mas que são mantidos como relíquias da família. Esses exemplos demonstram a preocupação dos depoentes de preservar “as coisas” da pátria-mãe, mesmo que esta não tenha sido tão “boa” com seus antepassados.

Devemos lembrar que, dentro do grupo “alemães”, existem categorias diferentes. Para quem observa de fora do grupo, “alemão” é qualquer um que tenha uma origem germânica. Inseridos no grupo, constatamos a existência do “pomberano”, ou seja, são os pomeranos e seus descendentes. Este diferencial dentro do grupo pode estar relacionado a uma diferença social existente na Alemanha, que serve também como distintivo de grupo na nova pátria, mas para isso precisamos aprofundar a pesquisa.

Percebemos também que a memória da imigração repleta de dificuldades age na formação da identidade do grupo, quando se ressalta a imagem do imigrante pioneiro que as venceu devido à luta e, principalmente, ao trabalho organizado e caprichoso, tão exaltado na fala dos depoentes. No texto literário *Moinhos de Vento*, já citado, percebe-se como este ideal do pioneiro está presente na memória das famílias, pois a autora é bisneta do

imigrante destacado na história. Vemos que a violência simbólica também interferiu na formação das identidades, mesmo quando os depoentes ficam quietos ou tentam não falar sobre as violências sofridas durante a Segunda Guerra Mundial, mas estão presentes no seu imaginário, pois muitas vezes o silêncio expressa mais sentimentos que horas de conversa.

### **Bibliografia**

- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. IN: POUTIGNAT STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: ed. da UNESP, 1998.
- BOURDIEU, P. A economia das trocas linguísticas. São Paulo: EDUSP, 1996.
- ELIAS, N. & SCOTSON, J. Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir da pesquisa de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2000.
- FACHEL, José P. G. As violências contra os alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul. Pelotas: Editora e Gráfica da UFPEL, 2002.
- FÉLIX, Loiva Otero. História e Memória: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: EDIUPF, 1998: 35-55.
- FORTUNA, Carlos & outros. Os novos espaços públicos: identidades práticas culturais. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais- n.º 54*. Coimbra: jun. 1999, p. 137-170
- GERTZ, R. E. O perigo alemão. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1991.
- GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Márcia L. Nunes. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice Editora, 1990: 25-52.
- HOBSBAWM, E. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997:9-24; 175-218.

- MENDES, José M. O. O desafio das identidades. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *A globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 503-540.
- OLIVEIRA, R. C. Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.
- RADLEY, A. Artefactos, memória y sentido del pasado. IN: MIDDLETON, D.; EDWARDS, D. *Memória compartilhada: la natureza social del Recuerdo y del olvido*. Buenos Aires: Piados, 1992.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e cultura de Fronteira. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais- n.º 38*. Coimbra, Dez 1993, p. 11-39.
- SEYFERTH, G. Pluralismo, Etnia e Representação Política. IN: PALMEIRA, M.; GOLDMAN, M. (org.) *Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1996.

Recebido em: 12/05/2009

Aprovado em: 25/09/2009

Publicado em: 03/11/2009